

Ainda uma vez o Immortal Maestro Carlos Gomes!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre....	14\$000	Semestre....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 17 DE OUTUBRO DE 1896.

Carlos Gomes

SAHIDO do seio carinhoso do Estado do Pará, que escutou-lhe o derradeiro alento, foi o glorioso morto recebido n'esta capital entre os braços amigos da imprensa fluminense, e depois entregue á contemplação do povo que o admira e respeita, e que pronuncia com justo orgulho o seu nome vencedor.

Não foram pomposas as cerimoniaes da trasladação do corpo, do cáes para o templo de S. Francisco. Não. Mas que solemne cortejo, quanta compunção e piedade, mixto de dôr e orgulho, conubio de saudade e entusiasmo, n'essa multidão enorme, que de cabeça descoberta acompanhava o corpo da mais legitima das glórias nacionaes!

Depois, quando se transportava do templo para o Instituto os restos do sublime cantor de *Guarany*, que fremito percorreu a multidão ao ouvir as vibrantes notas da extraordinaria symphonia que acordará para todo o sempre o mais ardente entusiasmo no espirito do brasileiro, e como foi difficil n'aquelle momento conter as lagrimas e suffocar um grito de saudação á portentosa organização artistica que tão ricas paginas escreveu!

Agora, ahí vai elle ser restituído á sua cidade natal, que com natural desvelo reclama o cadaver do mais distincto dos seus filhos.

Vai; mas fica entre nós, como no Brasil inteiro, o seu nome e a sua lembrança querida, restando á patria como legado precioso a fama do seu altissimo merecimento, a celebração do seu valor nos grandes centros artisticos do Velho Mundo.

O Brasil ainda não possui um Pantheon onde sejam recolhidos os despojos dos seus homens gloriosos. Mas por isso mesmo o nome de Carlos Gomes terá outros tantos cofres onde encontre vida perpetua, nos corações amantissimos dos seus patricios, no reconhecimento que lhe vota o mais puro espirito nacional, pelo muito que o elevou e engrandeceu.

O D. QUIXOTE ao fazer continencia á passagem do cadaver do glorioso maestro, envia as mais vivas saudações ao povo paraense e ao seu illustre governador—os primeiros que tiveram a fortuna de pôr em evidencia o espirito de unidade e de confraternisação que nos aggrega, cumprindo nobremente o dever da assistencia desvelada e do affecto carinhoso para esse que é gloria, não de um Estado isolado—mas de toda a Patria Brasileira.

A Mentira eleitoral

APROXIMA-SE o termo da legislatura e da sessão d'esta Camara, sem que ella tenha attendido com o devido patriotismo a um dos assumptos mais ponderosos da epocha. Referimo-nos ao projecto de reforma eleitoral, em que se depositava a legitima esperanza dos sinceros e honestos republicanos.

Depois de ter absorvido muitos mezes em assumptos de somenos interesse geral e sobretudo empenhada em satisfazer ambições locaes, está a Camara a discutir, já em periodo de prorogação, os orçamentos da Republica alinhavados ás pressas, e a retocar por formalidade um projecto de lei eleitoral que veiu do Senado. Não comprehendeu e não comprehendê a Camara actual, feitura do estado de sitio, que os destinos do paiz dependem d'essas duas alavancas poderosas: a regularisação das suas finanças avariadas e a confiança do povo na verdade das eleições.

O partido republicano federal, capitaneado por um homem a quem faltam predicados essenciaes para dirigir a politica de uma grande nação; esse partido nefasto, que julgou bastante para sua gloria empolgar as posições, sem vêr que ellas de nada valem no meio de uma bancarrota imminente e do profundo descontentamento do povo; o P. R. F. de triste memoria assim o decidiu e assim se faz, apesar do protesto da imprensa e das opposições de todos os matizes que o desgoverno do Brasil suscitou.

Não ha quem ignore, a não ser o sr. general Glycerio, que a verdade das eleições é a base fundamental das instituições livres. Rotulem embora com o pomposo nome de Republica o que nos foi dado em 15 de Novembro de 1889. Se os cidadãos que se prezam e têm a intelligencia bastante esclarecida para eleger deputados e senadores, fogem das urnas corrompidas pela fraude mais insolente e desbragada; se com a sua ausencia systematica protestam contra essa mentira impudente, haverá tudo quanto quizerem, menos a bella e seductora forma republicana, que fazia a nossa esperanza.

Pois bem, o facto é esse. Desde 1890 clama-se em todos os tons contra a lei eleitoral que se promulgou, e esse clamor não procede só dos saudosos da monarchia

ou dos despeitados que perderam titulos, bordados, commendas e curues com o advento da Republica.

Não, esse clamor irrompe de todos os lados, e honradissimos, intransigentes republicanos são accordes em condemnar a lei *gazúa*, porque estão convencidos de que se não erguerá jamais o edificio da patria livre sobre o pantano corrupto da fraude.

Desde o principio d'este anno recrudescceu naturalmente o grito dos patriotas a reclamarem do Congresso a reforma, desejosos de que á futura composiçã da Camara presidisse uma lei garantidora da liberdade do voto. O partido republicano federal para eternizar-se no poder precisava manter o pantano, e elle ahí fica, mais ou menos como estava, para vergonha eterna dos nossos legisladores.

E' certo que á ultima hora, e ainda n'estes ultimos dias, a Camara votou um projecto de reforma eleitoral. Mas quem não viu que por escassez de tempo varias das emendas mais saltares da opposição foram retiradas pelos proprios auctores, e que outras cahiram redondamente porque punham freio ao desbragamento da fraude?

Ha muitos mezes o illustre deputado fluminense Nilo Peçanha apresentou n'este particular um projecto simplicissimo. Auctorisava só e só a depositarem seu voto nos cartorios dos tabelliães os eleitores que por qualquer motivo não pudessem votar nas competentes secções.

Essa prodencia salutar era esmagadora pelo menos nas grandes cidades: não seria mais licito sonegar o voto dos adversarios politicos.

Pois, como era honesta a providencia, por isso mesmo não mereceu a attenção dos poderosos senhores da situação, foi atirada ao limbo do esquecimento sinão do desprezo, e o principio não vingou.

O partido republicano federal quer a todo o transe uma Camara unanime, e embala-se na illusão de que com isto aplainará o caminho do governo. Pela licção do passado e pela que se aprende na historia de todos os povos devia saber que essa unanimidade é o primeiro passo para a scisão e para o enfraquecimento do proprio partido.

Vamos ter conseguintemente uma terceira legislatura tão viciada e no seu geral tão inepta como as precedentes, que conduziram a Republica á situação precaria em que nos achamos. O futuro dirá si se pode viver no regimen da mentira.

O Engenheiro Caruncho

Le Notre, tu que levaste para o tumulo o segredo admiravel do traçado dos parques, tu que sabias, como ninguém, distribuir a relva pelos taboleiros e enfeitá-la de calandrinhas e de cinerarias, tu que sabias dar a curva graciosa ás alamedas, levando-as, ora para um bosque, ora fazendo-as passar rente dos lagos, grande mestre em decoração floral, profundo respeitador das vegetaes, se, por acaso, encontrasses em meio do teu plano de jardinamento um velho e severo carvalho, de larga folhagem e reforçado tronco, mandarias contra a arvore os pelotões dos teus operarios, armados de machados para que o arredassem do caminho? Não, Le Notre, darias uma volta respeitosa longe das raizes da arvore para que a vida da arvore não corresse o minimo perigo e farias com que os teus homens subissem aos galhos para limpá-los das parasitas e, quando o carvalho, sadio e verde, abrisse ao sol vital da primavera a sua fronde gloriosa, irias respeitosa e repousar á sua sombra e contigto as aves e com as aves as creanças.

Uma arvore antiga deve ser acatada—ellas representam as primeiras que foram, são as ancias da terra. Um povo que ama verdadeiramente a sua patria é venerando as suas grandezas que o demonstra. Na Europa a Lei protege o arvoredo, no Brazil a Lei protege apenas o capim e a beldroega; ha casas nesta cidade que têm os telhados transformados em campos. Aarão, homem que nasceu para capitães de ambos os sexos, fundando-os e distribuindo-os, nos campos mineiros ou no Banco da Republica, é quem dirige a construção do parque Friburgo onde, em dias proximos, o presidente da Republica irá passear a sua melancolia.

Esse illustre engenheiro entrou como Atila á aquella repousada chacara e começou a destruir para construir. Em um dos angulos do parque, onde havia um bando de coqueiros que se curvavam para a rua Silveira Martins e para a praia do Flamengo, S. Ex. quier levantar um torreão d'onde o presidente e Philadelpho amigo e economo observassem as marés e a immundicie das praias e mandou derrubar todos—os coqueiros.

Diariamente, durante uma semana, os moradores das immediações ouviram o estalo dos troncos acutilados e o fragor da folhagem batendo nas calçadas; ainda lá estão, apodrecendo, os restos dos miseros coqueiros. Foram depois as mangueiras, arvores venerandas—cahiram também, e palmeiras—; o engenheiro é um lenhador e, como representante do governo que tem por divisa «Viver ás claras» vai abatendo o arvoredo para que não haja a menor sombra (o que seria incoherencia) no palacio presidencial.

No centro do parque estão cavando o leito d'um lago Asphaltite e um rio Lethes terá as suas aguas mortas ensombradas pelas euforbias; para a cabeceira d'esse rio será transportados em braços o ministro da fazenda.

A um canto ha uma casinhola abrigando um banheiro—tem um distico: *E'prohibida a entrada*. Estão construendo uns galpões, dizem que para as machinas de electricidade, outros affirmam que para os cavallos da tropa, nada afortunamos a respeito. Sabemos, porem, que no centro do lago, como o colosso Moeris, será levantada, «ad perpetuum rei leia-se presidente memoriam» a estatua do senhor Aarão Reis (que reinação, santo Deus!) na attitude diuretica do menino de Passeia. Aquella obra só mesmo rematada assim.

Para que arvores de sombra em um parque presidencial? Desde que tenha herva e agua fresca está perfeito!

A Republica sabe escolher os seus homens: procurou um ministro e deram-lhe um dormente, reclamou um engenheiro e deram-lhe um lenhador: o senhor Aarão entende tanto de plantas... ah! não, d'isso entende S. Ex.! Bello Horizonte ahi está levantada e brilhante; é uma cidade modelo, no papel.

Porque não dão a esse engenheiro favorito uma commissão... longinqua com vencimentos pingues? ao menos assim é possível que escape alguma das arvores do parque.

E é esse homem director do Banco da Republica, que é a estufa da arvore das patacas... Mais dia, menos dia temol-a por terra, mas essa ha de cair carcomida e sem folhas. Pobres arvores! terrivel engenheiro caruncho!

MATA COQUEIRO.

Embora venhamos tarde, ainda chegamos a tempo para apresentar ao *Paiz* as nossas sinceras saudações pelo seu anniversario natalicio celebrado este mez, entre festas e alegrias, rendilhadas pelos cumprimentos amistosos que de toda parte lhe advieram. Ainda que na apreciação de factos politicos nos distanciemos da bella folha fluminense, folgamos em reconhecer n'esse jornal uma força poderosa, servida por elevados talentos e que guarda em si a legitima tradição republicana, encarnada em seu illustre redactor-chefe.

DIALOGOS

No Café do Rio:

— Mas que cousa singular! Todos os nomes dos nossos queridos chefes são plurales...

— Como assim?

— Pois então! Castilhos (Julio de), Quadros (Ewerton), Esteves (o Junior), Medeiros (o de Albuquerque e tres tiros), Barcellos (Ramiro de), Gonçalves (Jeronymo), Móreira Cesar...

— Perdão! Esse não é plural!

— Pois é exactamente o que é mais singular!!

N'um trem de suburbios:

— N'esta cancella tem morrido n'estes ultimos oito das quatro pessoas esmagadas por trens... E chamam-n'a da Providencia!

— Mas agora vão por isso mudar-lhe o nome.

— Cancella do Marechal Jardim.

Entre dois redactores do *Filhote*, lendo a *Gazeta*:

— Olha: hoje no jury foram julgados dois réos: Oscar Ribeiro, por tentativa de homicidio, Oscar da Silva, por offensa aos costumes! Dois Oscars n'um só dia... podia se aproveitar!

— O que?

— A mão, para fazer julgar mais um outro: aquelle que tem perpetrado tantas criticas!

No senado, e em plena sessão:

O Sr. Esteves Junior: — Então deportam ou não deportam esse audaz estrangeiro?

O Sr. Ladario: — Mas que estrangeiro?

O Sr. Esteves Junior: — Ora! O tal que escrevinha em um jornal em lingua de preto... Esse maldito *Lamuri*, do *Rio Neves*!

THIAGUINHO.

O caso Lamoureux

Eu não me tenho—e nem permitto que me supponham— por sebastianista desalmado, nem sou um terrivel inimigo de minha patria. Mas com licença do Sr. chefe de policia e do *Jornal do Commercio*, a minha humilde e desautorizada opinião a respeito da trapalhada que andam a fazer em redor do nome do redactor do *Rio News*—opinião que bem o sei, ninguém veiu pedir-me—é que tudo isso não passa de uma tempestade n'um copo d'agua e que todo o estardalhaço até agora feito a tal respeito não vale dous caracões.

Além do que vai dito, a minha opinião—cada vez mais humilde e mais desautorizada—é que além da violencia policial existe no caso uma flagrante injustiça que está a bradar aos céus.

O correspondente do *Times* transmittiu para a Europa noticias falsas? Quando e como? Elle leu essas noticias nos jornaes da terra, nos discursos dos senadores e dos deputados, nas reuniões apressadas dos governantes e das commissões de orçamento com o presidente do Banco da Republica, no mau estar geral, na baixa do cambio que está quasi a satisfazer o ideal do Sr. Erico Coelho,—e muito principalmente no archi-extravagante projecto de moratoria do Sr. Medeiros e Albuquerque.

Vendo isso, o homem transmittiu essas noticias em boa fé para o jornal de que é correspondente e buscando cumprir o seu dever de informante que não descura do officio.

Vai então, e a imprensa grave e séria attaca o homem e põe-n'o pelas ruas da amargura, apontando-o á patriotada indigena como um inimigo figadal do Brasil e pessoa firmemente resolvida a desacreditar-nos no estrangeiro—cousa esta que a muito custo se pôde crer que algum idiota possa fazer, suppondo-se a salvo de uma vindicta justificada quando reconhecidos taes intuitos condemnaveis.

Encetada a campanha, mexeu-se a policia... A's vezes ella se esquece de fazer isso, nos momentos mais precisos e mais evidentes. E mexendo-se, a policia chamou á falla o Sr. Lamoureux, pretendendo talvez que elle se retractasse... como se fora um gatuno vulgar, e mesmo porque alli da casa da rua do Lavradio ninguém sai, em determinadas condições, sem deixar o seu retrato nas mãos do Sr. Pinho.

O redactor do *Rio News* não satisfaz as exigencias da policia e até debicou-a em regra, limitando-se a dizer que era amigo do Brazil. E quanto aos costumes, como correspondente do *Times*—disse nada, no que fez muito bem.

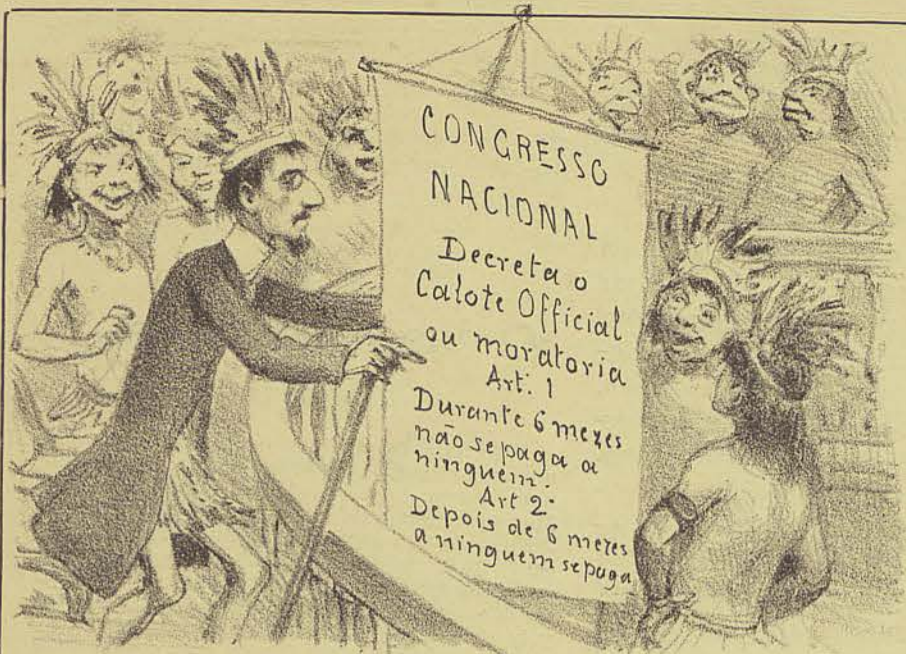
Ora eu não sabia que o Sr. André Cavalcanti, um magistrado de alta cathogoria, fosse tão modesto, que tivesse a idéa de volver a recommençar a sua carreira fazendo de promotor publico—porque a este funcionario é que caberia no caso delictuoso, se este existisse, proceder *ex-officio* e dar denuncia contra o jornalista que se excedera no exercicio do seu direito consagrado por lei.

Fiquei sabendo-o agora, e ajunto mais este attributo—o da modestia sem par— aos muitos que exornam a pessoa do nosso amavel e gentilissimo chefe de policia, cavalheiro que merece as mais lisongeiros referencias desde que se tratar do seu nome.

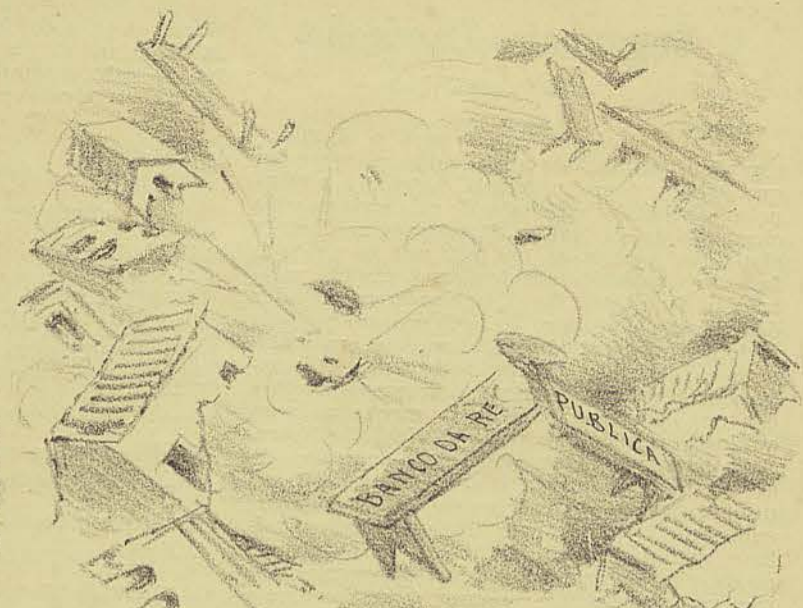
D'esta vez porém, policia e *Jornal* fizeram uma trapalhada de mil demonios, e eu estou na minha:— que o caso Lamoureux não passa de uma tempestade n'um copo d'agua, violencias e injustiças á parte.

LÉO.

Nossos sábios legisladores!



Correndo o boato de que mais de 300 casas iam abrir fallencia, o Sr. Medeiros e A., futuro ministro das finanças do P.R.E. lembrou-se para salvar o commercio de apresentar um projecto de lei única!



O tal projecto de lei deu exactamente o resultado contrario. O seu effeito foi o de uma bomba de dynamite, e tanto nesta praça como na de Londres fulgou-se inevitavel uma quebra: deira geral de bancos, companhias, casas commerciaes, etc. etc!



O Senado não quer ficar atrás da Camara em criterio. O Sr. Coelho de tal apresenta tambem o seu projectosinho de lei.



Portanto, quando algum cidadão brasileiro, no gozo de seus direitos civis e politicos e de uma mulher com ou sem filhos for atacado... Pan! pan! E' a lei!



O coligado Lamoureux, que dizem ter telegraphado para Londres o que se passou no Congresso e na praça de Londres, vê-se actualmente com o projecto como se fosse um Sr. Estevão



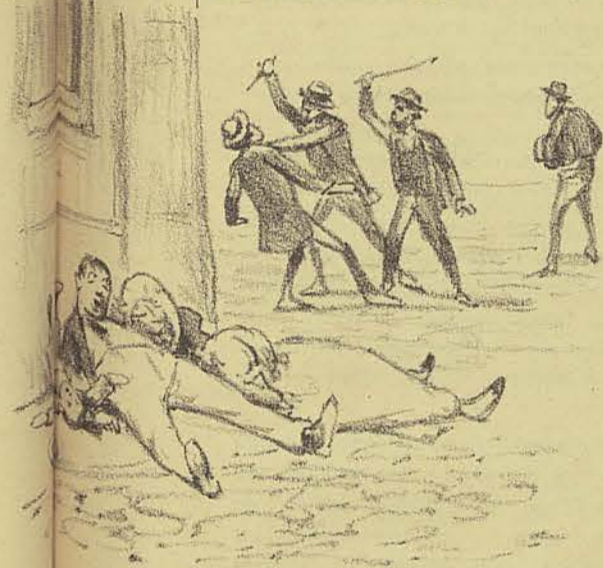
Quando quem tem direito a essa honraria é o autor do famoso projecto de moratoria.



— Palavra que eu não os entendo! Se a nossa praça está em boas condições e se todos esses boatos foram só para fazer ver... é claro e logico que o Lamoureux telegraphasse para Londres.



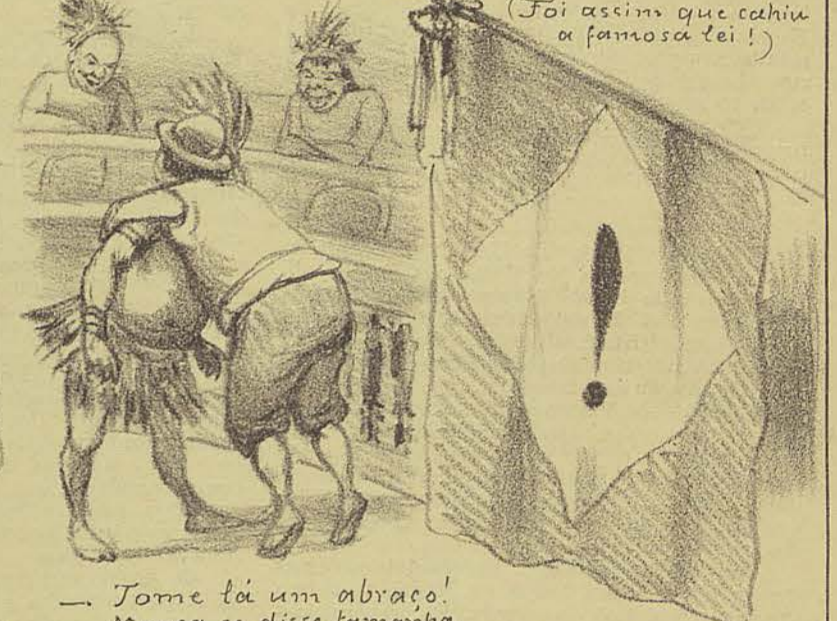
G. G. — Creia, meu caro Rodrigues, que a lei da moratoria é excellente para a gente ter tempo de arranjar seus negocios.
R. A. — Como preciso arranjar as finanças, poderei nesse caso não pagar o subsidio durante seis mezes.
G. G. — Ah, isso nunca! Vou já dar ordens para que a tal lei não seja tomada em consideração.
(Foi assim que cahiu a famosa lei!)



Quando for algum cidadão estrangeiro ou não, ou cidadão brasileiro solteiro ou não, o direito de se deixar matar. E' a lei! O illustre legislador declarou que essa era a lei para popularisar a republica!!!



O tal Coelho tambem implica com o lema da nossa bandeira, que elle acha anti-nacional. (textual)



— Tome lá um abraço! Nunca se disse tamanha verdade! Está provado que Ordem e Progresso são cousas que ainda não puderam nacionalisar-se.

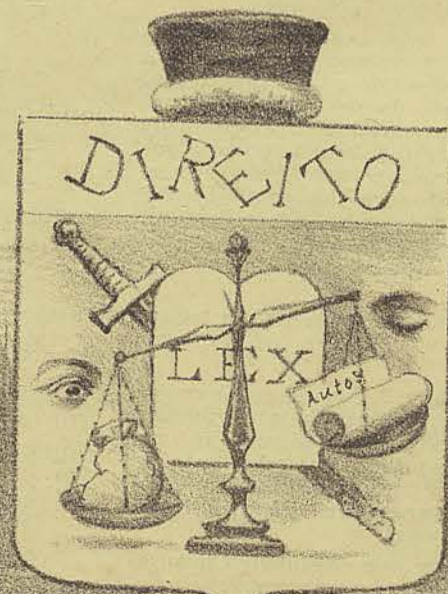
— E já que quer mudar de bandeira, offereço-lhe este modelo.
Isto de mudar o lema pelo de Lei e Liberdade é a mesma menfira do que a tal ordem e o tal progresso.



Poder Legislativo



Poder Executivo



Poder Judiciario



Partido Republicano (vulgo Jacobinos)



Partido monarchista



Municipalidade



Zé Povinho (vulgo Bode expiatorio)



agora basta!

Ao Sr. Senador Coelho Rodrigues, que tanto gosta de mudar lemmas, disticos, bandeiras e emblemas, offerço estes para que possa, assim como deseja, popularisar a actual republica.

BELLAS-ARTES

Apezar da má vontade dos que nos governam—se é que isto é governar; apezar da profunda ignorancia d'esses individuos que, em grande maioria no Congresso, tratam de demolir tudo quanto constitue o verdadeiro estado de adiantamento de um povo, a arte entre nós ainda sustenta-se.

A actual exposição na Escola Nacional de Bellas-Artes, que tão pobre apparece á primeira vista, nem por isso deixa de contar nos 158 numeros de que se compõe o catalogo algumas obras dignas de attenção e que podem figurar em salões europeus.

Não especificarei nenhuma para não offender susceptibilidades. Todos os trabalhos têm o seu merito relativo, e é evidente que os executados por artistas já feitos, são superiores aos que apenas começam. Se a commissão da Escola entendeu dever aceitar benevolamente trabalhos que não estão no caso de serem expostos, é que entendeu augmentar o numero de telas, ou tapar buracos, ou não desanimar jovens borradores que afinal fazem o que podem. O publico que lá foi e continúa a ir saberá dar o devido valor, fazendo justiça a quem merece.

Além d'essa exposição official e annual, ha outra de um artista de muito merito, o Sr. Parlagreco, irmão do Carlos Parlagreco, professor da Escola de Bellas-Artes, que expoz no conhecido estabelecimento photographico do Gutierrez, á rua Gonçalves Dias, uma bella collecção de telas, todas pintadas aqui no Brasil.

Sympathicas no colorido e brilhantes de luz, essas paisagens são dignas de serem vistas e... compradas.

Ultimamente veio da Hespanha a cópia de um grande quadro de Velasquez, feita pelo pensionista da Escola Eliseo Visconti. Desde que chegou á Europa, fui testemunha de quanto este artista é estudioso e de como soube conquistar a estima de seus actuaes mestres europeus pelo seu real talento.

Lembron-se Visconti que a nossa galeria de quadros não possuia nenhum Velasquez e apezar de ter o seu atelier em Paris resolveo-se a ir duas vezes á Hespanha, e á sua custa durante dois annos seguidos, para executar esse bello quadro, que se acha actualmente exposto n'um dos grandes salões da nossa Escola.

Espero que elle será indemnizado d'essas despesas de viagem de Paris a Madrid que não são pequenas, pois que serviram para enriquecer a nossa galeria nacional com mais um bello quadro da Escola hespanhola.

Eu digo que espero isso, porque felizmente é o Sr. Alberto Torres quem está hoje com a pasta do Interior e não o Sr. Gonçalves Ferreira, typo antipathico, incompetente e mais que nullo em materia de bellas-artes. E' impossivel que o actual ministro imite o seu antecessor. Não pôde haver dois Gonçalves Ferreira; isso seria uma desgraça!

Outra exposição de quadros que vae abrir-se proxima é a do Sr. Parreiras, que consta ter não pequeno numero de telas. Ainda não sei o lugar que elle escolheo; seja onde for lá irei, pois que gosto de ver o que produzem os artistas que trabalham. A demora d'essa exposição, ao que me consta, é devida a uma grande tela de outro pintor em cuja apenas faltam as ultimas pinceladas e que será exposta conjunctamente com os trabalhos de Parreiras.

Esta grande tela é a famosa *Epopoea africana* do Sr. Decio Villares tão esperada pelos que subscreveram quantias não pequenas para a sua execução. E' um trabalho de grande folego, como dizem alguns dos nossos criticos, folego positivista, naturalmente.

Muitos se lembram ainda do grande forobodo que houve por occasião da primeira pincelada em que tintas e pinceis foram baptisadas com Champagne. Ha sete ou oito annos que me dizem ter-se dado essa cerimonia toda positivista e forobodesca. Imaginem, leitores, o que não será agora que o artista, discipulo do gran-

de pintor Auguste Comte, deu as ultimas pinceladas!

Ha de ser um Deus nos acuda de delirio! Por minha parte estimo saber que o Decio acabou esse seu importante trabalho para que os subscriptores não digam mais que, acerca dos pintores positivistas a unica cousa positiva é terem ficado sem os cobres.

A minha curiosidade está deveras aguçada. De antemão estou convencido de que o effeito da religião positivista á oleo sobre a pintura, deve estar em relação directa com a religião positivista politica sobre a felicidade da patria!

O trabalho mais importante feito este anno, como pintura decorativa é sem duvida alguma a que o Henrique Bernardelli executou na Cupola do Instituto Nacional de Musica.

Excusado é dizer que trabalho dessa importancia não podia ser confiado a artista mais habil e consciencioso.

O Henrique Bernardelli que é um mestre na pintura, conhece todos os effeitos que della se podem obter e assim conseguiu vencer as maiores difficuldades dando luz a uma cupola completamente escura.

O assumpto escolhido pelo artista é o mais adequado possivel; representa todos os generos de musica: a sacra, a bucolica ou pastoril, a guerreira, a mythologica e outros, divididos em bellos grupos que se seguem, compostos magistralmente e conservando todos elles o verdadeiro caracter da epocha.

Seria longo descrever todas essas figuras e nada adiantaria com isso, pois que entendo que toda obra d'arte é para ser vista ou ouvida, mas não lida. Vejam-na pois e sentirão, assim como eu, quanta harmonia ha n'aquella composição, n'aquelle céo, n'aquelle todo, e cujo colorido sympathico tão bem se casa com o ambiente geral de cor e luz do salão do Instituto de Musica, um dos mais bellos que tenho visto.

Só tenho um pezar, é que o grande architecto Bucciarelli que transformou completamente esse salão e construiu a cupola, não possa mais ver a sua obra tão brilhantemente decorada.

Esse trabalho não me surpreendeu nem me causou admiração pois que do Henrique Bernardelli eu não esperava outra cousa. Admirador como é do Puvís de Chavannes, soube—sem procurar de modo algum imital-o comprehender o que é a pintura decorativa e executou magistralmente esse trabalho que em boa hora o intelligente director do Instituto de Musica lhe confiou.

O-nossos parabens portanto ao Sr. Leopoldo Miguez e igualmente ao Brocos, que tão brilhantemente coadjuvou o seu collega na execução de um dos mais bellos trabalhos artisticos desta Capital.

Do Henrique Bernardelli ha tambem um esplendido plafond, *O triumpho de A.ollo* que figura actualmente n'um grande salão de um palacete nas Larangeiras e que ahi foi collocado haverá um mez.

Não sei o nome do dono do tal palacete, mas o que sei é que elle é um grande felizardo! Juntando a todos esses trabalhos que me refiro os que Zeferino da Costa expoz e o bello panorama do Victor Meirelles e sem contar com os que estão em execução, perguntarei se é possivel esperar mais do nosso movimento artistico?

Tenho sobre a mesa um retrato que acabo de receber da Italia; é o da Clotilde Maragliano loura e sympathica paulista que vi nascer na terra dos Feijós e dos Andradas, — como diziam antigamente — hoje terra dos Bernardinos de Campos e Campos Salles, e que causa delirio e fanatismo em todos os theatros em que essa emerita prima donna di cartello canta e encanta como testemunhei de visu e como li em todas os jornaes dos diversos lugares, onde é contractada.

Tenho tambem o cartão de despedida de Henrique Oswald, outro brasileiro tambem paulista, compositor musical de primeira ordem, um maestro estimadissimo em Florença onde conseguiu pelo seu talento conquistar uma posição brilhante e que tambem, como a Clotilde, conheci menino e ensinei a desenhar olhos e narizes.

Elle é quem me lembrou isso, quando tive o prazer de o encontrar no restaurant francez do Bozier, um pae da vida que só pensa na grande exposição de 1900.

Oswald volta para Florença e creio que convencido de que se no Brazil nascem artistas, só na Italia é que podem desenvolver o seu talento e criar nome. «Ninguém é propheta na sua terra» diz o rifão.

Ha todavia uma excepção a favor de Carlos Gomes para quem se preparam muitas coroas e grandes manifestações... E' verdade que depois de morto!

Não importa; o nome desse grande artista americano nunca se apagará tanto no novo como no velho mundo.

Não desanimem pois os nossos cultores da Arte, se actualmente acham-se opprimidos por um congresso de botocudos.

O nome dos que produzem obras artisticas ou scientificas durará sempre emquanto que o desses bugres da politica ficará no mais profundo e desdenhoso esquecimento.

X.

Pelos que soffrem

Se houvesse coherencia nas leis que nos regem o divorcio teria vindo no bojo do decreto que instituiu o casamento civil, fórma mais racional de um contracto, que outra cousa não é a união que a Igreja, por motivos especiaes, entende que deve ser indissolúvel.

Constitucionalmente o Poder temporal nada tem com o Poder espirital; a espada republicana cortou o nó gordo mas nunca houve entre nós tanta subserviencia beata como agora: o legislador receia a sacristia e vai ao confissionario receber as ordens cochichadas pelo fanatismo para transmittil-as ao povo transformadas em lei. Esse Sinai é que inspira Themis, de lá é que vem os Moysés salvadores com a legislação.

Essa campanha do padre contra o divorcio tem uma origem: o temor; se elles acreditassem na efficacia do *conjungo* não andariam por ahi, de batina ao vento, clamando, apostrophando. Elles sabem perfeitamente que ha centenas de infelizes que esperam, com ancia, essa lei de redempção mas a Igreja precisa de desgraçados para explorar a agonia, o padre quer que o mundo seja eternamente o valle de lagrimas e trabalha para que não sequem as fontes.

Elles pregam dos pulpitos contra essa medida, em nome da moral, em nome de Jesus; a cruz na mão do padre, longe de tranquilisar as almas como um simbolo de misericordia apavora-as como uma ameaça e é com a cruz alçada que elles bradam.

Pregando contra o divorcio favorecem o repudio, acorçoam o adulterio, fomentam a discordia, abrem espaço ao crime.

A base do casamento é o amor e, como querem os frades que dois odios se liguem?

As estatisticas demonstram que 80% dos pedidos de divorcio são feitos pelas mulheres soffredoras; é a parte fraca que reclama contra a violencia do forte, é a victima que se revolta contra o algoz. A Igreja, estabelecida nos seus principios de fanatismo, nega mas a Lei consente porque é mais humana.

Deus creou o paraizo, o padre imaginou o inferno. Dos dias crueis da Idade Media muito ainda temos, infelizmente. Não foi completa a destruição d'esses mosteiros ergastulos donde saiam funebremente, para os *auto da fé*, as procissões de farricocos: temos ainda um objecto d'esse tempo,

comparavel ao *ouvido* de Dyonisio, o tyranno de Syracusa — é a taboa do confissionario por traz da qual o padre, como um oraculo pagão, aconselha e seduz, arrancando segredos e obulos.

E' d'esse canto sombrio da sacristia que saem as invectivas contra o divorcio, é do antro que vêm os rugidos, é a mesma voz soturna e tremenda que cantava o *Dies iræ* na grande e sinistra noite medieval, que pregava as rudes penitencias, que clama ainda contra essa faculdade que a Lei quer dar aos desafortunados de se libertarem. A Igreja, porque é estacionaria, combate toda a idéa de progresso; para o padre a evolução é satânica, so ha nma cousa divina — é a Dor.

Não estranhemos as idéas do clero: o que nos espanta é que haja legisladores que as perfilhem e defendam.

CLAUDIO FROLLO

RABISCOS

Emquanto não prepondera nem está em funcões a prôvida rolha que o Sr. Medeiros e Albuquerque pretende applicar á imprensa, escrevo estes *Rabiscos*, ás pressas e com certa timidez, como quem nada mais faz do que cumprir o seu dever enchendo algumas tiras.

Começarei por notar que o Sr. Coelho Rodrigues foi profundamente infeliz não conseguindo ver adoptado pelos senadores seus collegas aquelle bello projecto que auctorisava—ou exigia—dos homens matrimoniados, nacionaes, de andarem sempre armados. A excellente idéa do illustre senador cahiu nos dominios do folhetim: e entretanto que fundamentos sacratissimos ella continha, e sobre que bases sociologicas ella assentava!

Basta dizer que no discurso com que S. Ex. justificou a apresentação do seu projecto, lê-se logo no introito: «Attendendo á necessidade de popularisar a Republica Brasileira...»

E rejeitaram o projecto, depois de tal justificativa!

*
**

Lamentando o triste caso, consolo-me dando parabens ao Sr. deputado Zama por haver aggreddo em um discurso á eminente personalidade de Ruy Barbosa, e assim fornecendo a este extraordinario orador o ensejo de proferir uma das mais eloquentes orações que dos seus labios tem cahido no seio do nosso parlamento.

Houve quem ficasse contra o Sr. Zama. Por mim o declaro: bemquistei-me com elle e até fiz pazes com o seu latim mofento e amollador, quando vi que graças á sua má jogada Ruy Barbosa teve de pronunciar aquelle monumental discurso, do qual pouco me interessa a questão politica, porque quem o leu não teve tempo para pensar n'isso, deslumbrado pela forma brilhante da oração, por aquella peça litteraria inteiriça, de alto valor e elevado quilate.

O Sr. Zama tinha jogado o perde-ganha. . .

*
**

Que foi o jogo em que se metteram os açougueiros que fizeram *grève*. Esses amaveis distribuidores de carne, talvez instigados pela idéa graddiosa de que brevemente será lei o imposto de 15% por cabeça de gado importado e portanto de um proximo tempo em que o bife nos seja fornecido a 2% o kilo, fizeram parede porque não recebiam mais 6 kilos de carne gratuitamente e tiveram um dia de folga nas suas funcões de magarefes.

Sabiu-lhes ás avessas o trunfo, graças á energia do Sr. Prefeito, e a *grève* dissipou-se sem deixar de si renome—nem lucro para elles grevistas.

Agora, é esperarem que a deputação de Minas consiga fazer passar no Senado o odioso imposto de 15%, para que volvam aos antigos tempos, em que elles *matavam o boi* e nós os consumidores nos gabavamos aos amigos de havermos praticado um verdadeiro esbanjamento... comendo carne de vacca!

Este Congresso assim nasceu, assim devia morrer. Nega pequenos auxilios para o ensino scientifico e artistico, e taxa com um imposto

quasi prohibitivo um genero de alimentação de primeira necessidade...

O' Christo: onde deixaste aquelle instrumento com que expulsaste do templo os vendilhões?

LÉO.

A NOSSA ESTANTE

Temos a agradecer uma multidão de livros, folhetos, revistas, musicas e convites, que nos não são offerecidos, e a que não nos temos referido nos anteriores numeros do D. QUIXOTE pela razão que em geral opprime os periodicos que trazem annuncios: — a falta de espaço.

Tambem esse mal chegou até nós e por isso só hoje começamos a desempenhar-nos d'esse dever, retardado de alguns dias.

Recebemos pois, e agradecemos muitissimo:

LIVRO DE MINHA ALMA, collecção de poesias de Luiz Guimarães, filho, nitidamente impresso (o livro) em Lisboa. Já o disse o emerito chronicista domingueiro da *Gazeta de Noticias*, que «de tal pai tal filho se esperava.» E em verdade, o joven poeta bem demonstra no seu livro que tem forças para arcar com a responsabilidade do nome que traz, e que com o tempo, a observação e o estudo será forçosamente o digno successor d'esse bom, meigo e glorioso Luiz Guimarães Junior, que lá pelas estranhas anda a desviver, n'uma disponibilidade simultanea — para a diplomacia e para as letras.

SERGIPE REPUBLICANO, bem pensado e bem escripto estudo critico e historico do Sr. Manuel Curvelo, que no volume a nós offerecido traçou uma dedicatória que muito nos penhorou.

VIAGENS E COSTUMES, de Arthur Guimarães, livro impresso no Porto, e de que mais de espaço nos occuparemos.

POLYANTHÉA, offerecida a Martinho Garcez, abalísado juriscunsulto e nosso preclaro collega de imprensa, hoje guindado ás culminancias da governação de Sergipe; trazendo um excellente retrato de mimoseado e uma serie de artigos subscriptos pelos nossos mais reputados homens de letras.

QUARTO SUPPLEMENTO do catalogo systematico da bibliotheca da faculdade de medicina do Rio de Janeiro; Revista Pharmaceutica, da sociedade Pharmaceutica Paulista, n. 5 do 2º anno; O Tiro, orgão litterario, scientifico e recreativo, n. 5; Sancho Pansa, n. 4, jornal illustrado (?) que se publica em S. Paulo; O Demi-Monde, do Sr. Dr. Felinto de Oliveira, varios fasciculos; A Penna, periodico scientifico e litterario, n. 4; Gazeta Commercial e Financeira, ns. 57, 58 e 59 do anno 2º; Boletim Telegraphico da Repartição Geral dos Telegraphos, ns. 11 e 12 do 2º anno; Supplemento da Revista Mensal da Familia Academica; Congresso Academico, publicação dos estudantes do Recife, n. 3 do 1º anno; Archivo do Districto Federal, publicado pelo Dr. Moraes Filho, fasciculos 8º e 9º do 3º anno; Annual Report of the Stranger's Hospital of Rio de Janeiro, relativo ao anno de 1895-96.

DISCURSO, pronunciado pelo padre Bellarmino José de Souza, por occasião de tomar assento no Instituto Historico e Geographico Brasileiro; Processo de calumnias impressas, discursos de accusação e defeza d'esta importante causa, em que foi réo o conhecido advogado do nosso fóro Dr. João Damasceno P. de Mendonça e autores os juizes Souza Pitanga e Miranda Ribeiro; Estatutos do Gremio Litterario e Recreativo Peres Machado, fundado este anno no Instituto Profissional d'esta capital; Estatutos de Club dos Aymorés, de Sorocaba.

A NOVA REVISTA, ns. 7, 8 e 9, excellente publicação litteraria dirigida por Ad. Caminha; o Mosquito, n. 5; Os Pontos, ns. 33, 34 e 35, bem feito jornal illustrado que se publica na cidade do Porto, trazendo em seu numero de 16 de Agosto passado um excellente retrato do nosso ministro Assis Brazil; Relatorio e parecer da commissão de contas da Caixa de Soccorros Oeste de Minas: Revista Azul, ns. 4 e 5, interessante publicação dos academicos de S. Paulo, dirigida por A. de Oliveira, F. de Castro Junior e B. Cepellos, e na qual se encontra uma bem traçada critica da *Irmã de Caridade* do Dr. Ed. Ramos.

Do ETHER, como anesthesia em cirurgia, segundo folheto publicado pelo operoso e habilissimo cirurgião Dr. Daniel de Almeida; A Eschola Publica, n. 3, publicação mensal de

pedagogia pratica, que vem á luz em S. Paulo; Relatorio da Caixa de Beneficencia, sob a protecção de Nossa Senhora da Boa Hora, de Maroim; A Estação, numero 15 do corrente anno, e Petit Echo de la Mode, ns. 35, 36, 37, 38, e 39, ambos excellentes jornaes de modas, com figurinos e moldes; Revista Pedagogica, 9º tomo do 6º anno; Sirius, revista litteraria e scientifica de que é redactor-gerente o Sr. Norberto Guerra, n. 13 do anno 2º; Revue Medico-Chirurgicale du Brésil, dirigida pelo Dr. A. Brissay, n. 8 do 4º anno; Boletim do Club Naval ns. 1 e 2 do anno 5º d'esta importante publicação, dirigida pelo illustrado capitão de fragata Benjamim de Mello.

O CENACULO, 17º fasciculo d'esta bem redigida revista litteraria de Dario Velloso e Julio Pernetta; Relatorio apresentado ao ministerio da justiça pelo desembargador M. Villaboim, procurador geral do districto federal; Interesses da lavoura, serie de importantes artigos publicados pelo *Commercio de S. Paulo*, e ora compilados em folheto; Manifesto das camaras municipaes de S. Paulo reunidas em congresso; Revista da Commissão Technica Militar Consultiva, n. 3 do anno 5º; o Alfinete, periodico critico e recreativo do Joven Congresso; Exposição demonstrativa da importancia da concessão obtida pelo Sr. Orozimbo Barreto para ligar pelo telephone a Capital Federal ás capitães do Espirito-Santo, Bahia e Pernambuco; o Colleccionador de sellos, n. 4, revista mensal que se publica em Sorocaba; o Eusaio, n. 7, trazendo um retrato de Carlos Gomes, a que accompanha no texto um brilhante artigo do seu redactor chefe Heitor de Mello.

CONVITES: um, delicadissimo da directoria do Jockey-Club para a festa do grande premio, e no qual vê-se um *fac-simile* do n. 91 do D. QUIXOTE, esmeradamente reproduzido; para as sessões de musica de camera da Sociedade de Quartetto; para a audição dos alumnos do professor Fertin de Vasconcellos no Instituto Nacional de Musica; para a festa commemorativa do 15º anniversario da fundação das aulas do sexo feminino no Lyceu de Artes e Officios; para a festa inaugural do Club de Paquetá; para a festa do anniversario natalicio do director do collegio Alpio; para o concerto annual do professor Duque Estrada Meyer, no Instituto de Musica; para o grande premio do Derby-Club; para o pomposo baile que o Club da Tijuca offerece ás suas suas congengeres; para o concerto no Club Americano; para o festival commemorativo do 42º anniversario da installação do Instituto Benjamin Constant; para os brilhantes bailes dos Clubs dos Fenianos e dos Democraticos.

MUSICAS: tantas que bastam para abrimos uma loja e ainda nos ficarão para dar e emprestar, a saber: *La Dolores*, um trecho da afamada opera de Tomás Breton; *Lourdina*, polka de A. Rocha; *Orange*, tango de A. Guimarães; *Esperança*, schottisch de F. de Bittencourt; *Attrahente*, schottisch de Alfredo M. Guimarães, e *Hymno ao Trabalho*, poesia de Olavo Bilac, musica de Alberto Nepomuceno—todas impressas nas bem montadas officinas de I. Bevilacqua & C.; *Sonhadora*, polka de Eduardo Velho da Silva; *Rio Nú*, quadrilha arranjada por Miguel de Vasconcellos; *Como é doce sonhar*, valsa por J. Belmar; *Riachuelina*, schottisch por Ismael Madeira, *Annica*, valsa do Dr. Carlos de Abreu — todas editadas pela importante casa Buschmann & Guimarães; *Floccos de neve*, schottisch de A. Keller e *Esrumar*, valsa de Carlos Marques, edição da casa André da Costa & C.; *Marcha Funebre*, de Luiz Levy e por elle dedicada á memoria de Carlos Gomes, impressa em S. Paulo.

Agradecemos ainda:

— Aos Srs. Andrade Faceiro & C. uma lata de guano chimico, cousa excellente para a horta mas impossivel de se guardar por momentos em uma sala, visto o odor nada agradável que de si se desprende.

— Ao Sr. A. Clausen algumas garrafas de cerveja Bavaria, cousa papa fina, e bebida que pôde competir com as similares estrangeiras.

— Aos Srs. França & Mursa uma enchente de maços de excellentes cigarros, marca *Marinha Brasileira*, primorosamente manipulados em S. Paulo.

E agora... *la suite au prochain numero.*

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



A caravela S.^{ta} Maria
que trouxe Colombo à America

Don Quixote e Sancho Pança pedem a Deus que faça apparecer no
horisonte algum outro Colombo ou Cabral que venha descobrir de novo
esta nossa infeliz terra!